



Imagem gerada por IA (*Midjourney*) a partir dos termos: queer bodies and subjectivities, utopia

DA “TESTO” AO TEXTO: A ESCRITA QUÍMICA DE PAUL B. PRECIADO E A POTÊNCIA DO TERMO TRANSIDENTIDADE

Alinne Nogueira Silva Coppus  [0000-0002-4278-3707](https://orcid.org/0000-0002-4278-3707)

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, Brasil

Lorena Silva Loures  [0000-0001-71879700](https://orcid.org/0000-0001-71879700)

Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Rio de Janeiro, Brasil

Resumo

As dissidências de gênero materializam uma subversão pós-moderna dos termos da identidade e da identificação, as quais ganham uma conotação simbólica dado o lugar fulcral do identitarismo no laço contemporâneo, devendo ser lidas como formas autênticas de conhecimento. *O objetivo deste artigo é problematizar a concepção do eu em psicanálise a partir do que aprendemos com as transidentidades.* Para tanto, 1) faz-se uma leitura da identidade à guisa da descrição freudiana do eu e de sua releitura laciana; 2) aborda-se a escrita química de Preciado, bem como o caráter simbólico de seus usos do corpo e da testosterona no laço contemporâneo; 3) diferencia-se transgêneridade e transidentidade, defendendo-se o uso do segundo termo. O referencial teórico deste artigo, que resulta de um levantamento e análise bibliográficos partindo do binômio corpo e transidentidade, é a teoria psicanalítica que afirma o eu como projeção de superfície e a experiência de Preciado em *Testo Junkie*. Consideramos o descompasso estrutural entre corpo e imagem enquanto oportunidade de modelagem de novos significados e apropriações do corpo, partindo da singularidade dos processos identificatórios e para além da fixação derradeira em uma identidade, tal como nos demonstra o filósofo. Por fim, sustentamos o legado ético do psicanalista no testemunho das novas montagens corporais.

Palavras-chave

Transidentidade; escrita; corpo; psicanálise.

FROM “TESTO” TO THE TEXT: THE CHEMICAL WRITING OF PAUL B. PRECIADO AND THE POWER OF THE TERM *TRANSIDENTITY*

Abstract

Gender dissent materializes a postmodern subversion of the terms of identity and identification, which gains a symbolic connotation, so they must be read as authentic forms of knowledge. *This paper aims to propose a new approach of the “I” at psychoanalysis, starting on the teachings of transidentities.* To achieve this, 1) identity is read using the Freudian description of the “I”, and it’s lacanian reading ; 2) we studied Preciado’s chemical writing, as well as the symbolic nature of his uses of the body and testosterone in the contemporary bond; 3) a distinction is made between transgenerity and transidentity, to defend the use of the second term. The theoretical framework of this article, which emerges from a bibliographical survey and analysis based on the binomial body and transidentity, is the psychoanalytic theory that affirms the “I” as a surface projection and the experience of Preciado in *Testo Junkie*. We consider the structural misalignment between body and image as an opportunity to model new meanings and appropriations of the body, starting from the singularity of identification processes, beyond that the ultimate fixation on an identity, as the philosopher teaches us. We support the ethical legacy of the psychoanalyst in the testimony of new body assemblages.

Keywords

Transidentity; writing; body; psychoanalysis.

Submetido em: 31/10/2023

Aceito em: 04/02/2024

Como citar: COPPUS, Alinne Nogueira Silva; LOURES, Lorena Silva. Da “testo” ao texto: a escrita química de Paul B. Preciado e a potência do termo transidentidade. *(des)troços: revista de pensamento radical*, Belo Horizonte, v. 4, n. 2, p. e48625, jul./dez. 2023.



Este trabalho está licenciado sob uma licença [Creative Commons Attribution 4.0](https://creativecommons.org/licenses/by/4.0/).

Se o leitor percebe no presente texto uma série de reflexões filosóficas, relatos de aplicações de hormônios e detalhamentos de práticas sexuais, sem as devidas soluções que a continuidade fornece, é simplesmente porque é deste modo que se constrói e se desconstrói a subjetividade.¹

Introdução

É sabido que as questões identitárias são caras aos sujeitos moderno e pós-moderno como nunca na história o que se justifica por diversos motivos. O apelo à imagem encontra-se reforçado no avanço das tecnologias de comunicação, da biopolítica de controle e da docilização dos corpos, no aumento de procedimentos disponíveis para a manipulação da imagem (tatuagens, cirurgias plásticas, administração de hormônios e medicamentos) etc. O sujeito contemporâneo tem à sua disposição um escopo inédito de fazeres com o corpo e com a imagem, bem como está inserido em um laço social que endossa o uso (e o abuso) deste corpo, como veremos adiante.² Para além disso, podemos sustentar que muitas vezes as questões existenciais e o trabalho subjetivo de sustentação de um lugar no mundo são configuradas no contemporâneo sob a estética das questões identitárias.

A esse respeito, Stéphane Thibierge salienta uma especificidade quanto a este registro para o laço social moderno e pós-moderno. Segundo ele, é inédito na história uma aposta tão intensa em meandros identitários como formas de sustentação subjetiva:

A questão da identidade nem sempre foi tão presente. Podemos notar, por exemplo, como os povos da Antiguidade, cujos textos conservamos, não nos deixam muitos traços da existência de um tormento semelhante em seus escritos. Assim, se nesta época, gregos, judeus, romanos, só para citar alguns, já eram capazes de evocar e articular a referida questão, eles o faziam de um modo muito distinto do que ocorre na atualidade – ou seja, sem a inquietação e a paixão que ela suscita entre nós. Tampouco faziam dela uma questão central ou alguma espécie de princípio.³

Dissidências de gênero⁴ expressam essa subversão pós-moderna dos termos identidade e identificação, que ganha uma conotação simbólica dado o lugar fulcral do identitarismo no laço contemporâneo. Partindo da ética psicanalítica, sustentamos que tais subversões devem ser lidas enquanto uma forma autêntica de conhecimento, um meio de criação e modelagem de novos significados que se dá nos limites do encontro da linguagem e da cultura com os corpos, posto que a articulação discursiva por si só, bem

¹ PRECIADO, *Testo Junkie*, p. 14.

² BHABHA, *Interrogando a identidade*.

³ THIBIERGE, *Corpo e identidade*.

⁴ Os dissidentes de gênero são aqueles sujeitos cujos corpos e performances não reproduzem o jogo de símbolos e os pactos sexuais tal como estão estruturados (e são impostos) pelo laço social. Ou seja, aqueles sujeitos que se propõem e experimentam uma vivência com o sexo e com o gênero que extrapola os limites cognoscíveis, políticos e estéticos vigentes. Podemos situar as transexualidades e as travestilidades, as homossexualidades, as intersexualidades, as assexualidades, enfim. Todos os sujeitos que resistem à hegemonia política do heterossexismo e do binarismo sexual/anatômico.

como suas categorizações, não são suficientes para dar lugar ao sujeito, exigindo deste uma medida de trabalho com os termos que lhe são transmitidos.

Abordaremos aqui as *transidentidades* a partir da problematização das relações entre corpos e identidades, materializadas em *Testo Junkie*, um dos principais trabalhos de Paul Preciado. Publicada originalmente em 2008, com recente tradução no Brasil, a obra consiste em uma *experiência* com a filosofia e com a escrita um pouco diferente do modo tradicional de se escrever e filosofar. Pois não se trata de uma autobiografia, por mais que contenha elementos autobiográficos, nem tampouco de um tratado filosófico com todos os termos que sustentem uma determinada visão de mundo, nem de uma ficção filosófica que nos faça refletir por alegorias e metáforas, como os grandes romances existentes, e nem de uma historiografia, por mais que mescle todos estes elementos em sua composição.

A própria estrutura do livro denuncia que se trata de um empreendimento *transformador*, uma nova maneira de se fazer filosofia subvertendo algumas de suas ferramentas clássicas, como as autobiografias, as conceitualizações, os recursos alegóricos e as leituras históricas. Preciado mescla todos esses elementos, transita entre um tratado e um texto autobiográfico, uma análise histórica e crônicas cotidianas, um diário íntimo, dados estatísticos e imagens publicitárias, colocando seu corpo, sua sexualidade e suas experiências como material de análise e consequências.

No que tange à sua intimidade, é fundamental ressaltar que o livro foi escrito sob o efeito de uso de testo-gel, o hormônio testosterona sintético que normalmente é utilizado nas transições de gênero "clássicas", *female-to-male*, bem como das mais diversas drogas desde o cigarro e o álcool, passando pela maconha e pela cocaína. Além disso, tecnologias protéticas como os dildos e imagens pornográficas perpassam toda a sua narrativa. Aliás, de antemão ressaltamos que *o estilo de sua escrita é explícito, pornográfico*.

Preciado define a obra como sendo "*um protocolo de intoxicação voluntária*",⁵ ou seja, um espaço em que se cruzam a química e a escrita. Uma escrita capaz de dar um contorno à sua experiência com a química, uma química capaz de incitar uma escrita. É digno de nota que o livro tem um estilo moebiano. Apenas de passagem, devido à densidade da discussão, um estilo moebiano refere-se à figura da *fita de Moebius*, à qual recorreu Lacan para sustentar a topologia do inconsciente. A saber, esta figura⁶ produz uma sensação de continuidade entre os hemisférios internos e externos, dificultando a tarefa de se mapear uma fronteira bem definida entre eles.

Diferente da fita euclidiana (ou de dupla face) que tem "apenas" duas faces, duas bordas, dentro e fora, interno e externo, a banda de Moebius tem uma única margem ou borda, única face, não possui interno e externo, nem dentro e fora. Do mesmo modo, o inconsciente não se encontra nem no interno do corpo, em algum espaço que poderia ser mapeado neurologicamente, e nem no externo – na língua, na sociedade, na realidade sensível.⁷

Em outras palavras, não há uma abordagem meramente objetiva da história ou da fisiologia das drogas no organismo, nem tampouco uma descrição individualista da

⁵ PRECIADO, *Testo Junkie*, p. 13.

⁶ A fita de Moebius ganha o seu formato através da torção de 180° de uma fita plana sobre si mesma, produzindo uma região indiferenciada entre o interno e o externo e uma sensação visual de continuidade.

⁷ SANTOS; MENEGOTTO, *A razão/desrazão no alienista*, p. 80.

subjetividade. Além disso, o formato de livre associação próprio das representações inconscientes mescla-se à objetividade dos fatos, dificultando o estabelecimento de fronteiras rígidas entre o interno/externo, consciente/inconsciente, objetivo/subjetivo, em um estilo paradoxal que mantém um contínuo entre estas dimensões (bem ilustrado pela figura da fita de Moebius)⁸. História e vida privada se encontram e se desencontram em uma narrativa impactante que nos leva a refletir o que é o sujeito contemporâneo, ao que estamos submetidos em termos de organização de poder/saber e quais as formas de subversão possíveis, bem como a própria subjetividade de seu autor – Preciado.

Além disso, o filósofo questiona a possibilidade de estabilização de um sentido unívoco para a experiência erótica do sujeito, considerando a dimensão volátil e dinâmica do corpo. Neste sentido, *nem mesmo categorias como a identidade e a identificação seriam capazes de conferir uma consistência derradeira ao corpo, uma coerência interna que não sofresse pressões somáticas e/ou culturais*. Paul Preciado é um filósofo espanhol que não se enquadra nos padrões heteronormativos e nem tampouco em uma transição de gênero “clássica”, aquela em que um sujeito deseja assumir plenamente uma identidade de gênero diferente da que normalmente se atribui a seu sexo anatômico no momento do nascimento. Ao contrário, Preciado questiona a manutenção e sustentação de um padrão único de comportamento ditado pelas convenções do gênero heteronormativo. Segundo ele, a vida é um movimento imparável de desejos e saberes que não se encerram em categorias prontas com as quais devemos meramente nos identificar e repetir. Neste sentido, Preciado subverte a ideia de um saber generalista e derradeiro que dê conta do fenômeno da sexualidade, considerando que quanto mais nos aproximamos disto mais nos afastamos da dinâmica instável e viva que sustenta o nosso corpo, nossos afetos, nossa erótica. Em outras palavras, Preciado põe em xeque a leitura clássica da identidade e do identitarismo, embora insista em escrever e formalizar algo sobre a singularidade de sua experiência. Questionando os padrões binários das identificações, Preciado propõe uma identidade calcada no trânsito, na multiplicidade e na contradição.

Segundo Carla Garcia,⁹ na modernidade e na pós-modernidade, em que questões existenciais se colocam muitas vezes sob a forma de questões identitárias, a androginia (ou se preferirem, os corpos em que as performances do binarismo heteronormativo não se sustentam) pode ser lida como subversão e rejeição a categorias de identidade, expondo a insuficiência destas no exercício de significação da experiência do sujeito.

Se vamos trazer aqui uma problematização que aprofunda a formação de identidades, como elas podem ser construídas, destruídas, escritas e apagadas, dando contorno a superfícies e as erotizando, faz-se necessário retomarmos a definição psicanalítica – feita por Freud e retomada por Lacan – tanto da constituição como da própria definição do eu. Apesar de trazerem elementos diferenciados sobre essa questão, o primeiro ao centrar seus comentários na articulação entre eu e narcisismo, bem como entre eu e inconsciente, e o segundo ao problematizar a diferenciação eu/sujeito, ressaltando a não complementaridade entre eles, ambos os autores trazem elementos importantes que nos auxiliam a pensar as *identidades* e o que escapa a elas.

⁸ SANTOS; MENEGOTTO, *A razão/desrazão no alienista*.

⁹ GARCIA, *O que viu Tirésias*.

O sujeito pode desenhar um eu a partir de uma operação que é psíquica e que, por projeção, se constitui em descompasso com a superfície que o suporta. O eu é acima de tudo corporal, uma projeção de superfície,¹⁰ capaz de estabelecer relações entre gêneros e erotismos, afirmamos. Além disso, ressaltamos, como faremos adiante, a função do outro no processo de formação do eu. Apimentam essa discussão as contribuições de Butler e Preciado no que toca especificamente à temática das dissidências de gênero e às discussões atuais em torno das transidentidades. Como o texto de Preciado nos faz problematizar a noção psicanalítica de eu?

É pelo viés da abjeção que Butler inaugura o debate acerca da vulnerabilidade das pessoas transexuais, travestis, transgêneros e intersexos em função das normas de gênero. Corpos abjetos são corpos que, por não serem inteligíveis, são tomados como sem importância.¹¹ Entre eles, Butler¹² localiza os não-ocidentais, os pobres, os pacientes psiquiátricos, os deficientes físicos, os refugiados libaneses e turcos, as mulheres, os negros etc. que, estando à margem, não têm existência legítima em uma sociedade gerida por referências tradicionais e preconceituosas. A exclusão dos corpos, seja da inteligibilidade, do lugar de fala ou do exercício de poder não se dá apenas pela sexualidade (matriz heterossexual) e sim pelo discurso normativo que determina certo e errado, valor e desvalor nos usos e expressão dos corpos.¹³ Cada indivíduo é capaz de atravessar – no sentido de furar, "bagunçar" – essa cena, ao tornar visível sua abjeção, suas escolhas, seus fluidos, sua história, suas bandeiras.

As transidentidades questionam a articulação entre corpo e eu – dada como natural e coerente sob a forma de uma identidade. Problematizando as categorias de gênero, afirmam a possibilidade da construção de um outro lugar para si, psíquica e coletivamente, bricolando um eu mais eufônico com esse sujeito, suas vivências eróticas, sua imagem e seus posicionamentos. Ao efetuar isso, as transidentidades são tomadas como abjetos. Sobretudo porque as diversas formas de se viver e exercer as transidentidades costumam envolver intervenções ou modificações no corpo que sinalizam o trânsito ou a não conformidade às categorias pré-estabelecidas de gênero e sexualidade. Poder agir sobre o corpo macula a ideia de um corpo biologicamente limpo, cujas marcas não são apenas as de nascença, sendo esse ato muitas vezes tomado como sacrilégio, futilidade, aberração e patologia, chegando à monstruosidade¹⁴ que questiona o bom funcionamento de uma racionalidade cartesiana, binária e heterocapitalista.¹⁵

Como a psicanálise se posiciona frente a esse debate? Convoca os analistas e a cultura a, por exemplo, repensar a definição de corpo, sua articulação com as identidades e o lugar da diferença sexual na teoria psicanalítica com consequências éticas e políticas claras no exercício cotidiano de suas práticas? Ou reafirma de certa forma a existência de corpos abjetos, tal como Miller,¹⁶ com a ironia da psicopatologia cotidiana? Vale inclusive nos perguntarmos, seguindo com Ayouch¹⁷ e Cunha,¹⁸ a quem interessaria a

¹⁰ FREUD, *Obras completas vol.16: O eu e o isso*.

¹¹ SEGATO, *Crítica da colonialidade em oito ensaios*.

¹² BUTLER, *Problemas de gênero*.

¹³ AGAMBEN, *O uso dos corpos*.

¹⁴ PRECIADO, *Je suis un monstre qui vous parle*.

¹⁵ HALBERSTAM, *Trans**.

¹⁶ MILLER, *Docile au trans*.

¹⁷ AYOUCHE, *Quem tem medo dos saberes T.?*

¹⁸ CUNHA, *O que aprender com as transidentidades*.

associação entre dissidências sexuais e/ou de gênero com a psicopatologia, dentro e fora do meio psicanalítico.

Em contrapartida a esses impasses, pensamos que retomar o estatuto do eu em sua articulação com o corpo e o inconsciente em Freud pode ser um caminho frutífero nessa discussão, posto que é um conceito psicanalítico que nos permite abordar o processo de formação e sustentação de uma identidade. Além disso, a escrita *Junkie* de Paul Preciado nos aponta uma nova maneira de jogar o jogo das identificações, subvertendo a própria noção de identidade, embora mantenha sua importância política. A partir de sua leitura, levantamos as seguintes questões: identificar-se aos signos culturais de inteligibilidade significa sustentar necessariamente a coerência interna e a univocidade próprias da sustentação clássica de uma identidade? Dado seu apelo imaginário, a identidade não teria nenhuma função relevante para um sujeito político? Transitar entre imagens e lugares é sinônimo de não ter um lugar?

O objetivo deste artigo é problematizar a concepção do eu em psicanálise a partir do que aprendemos com as transidentidades. Para tanto, faremos uma leitura da identidade à guisa da descrição freudiana do eu e de sua releitura lacaniana, bem como da escrita química de Preciado, levando em consideração o lugar simbólico que seus usos do corpo e da testosterona figuram no laço contemporâneo. Por fim, propomos uma diferenciação entre os termos transgeneridade e transidentidade, sustentando que o uso do segundo em detrimento do primeiro pode vir a ser proveitoso teoricamente.

1. Eu e meus eus

Quais as diferentes relações que o sujeito pode estabelecer entre seu eu e seu corpo, as diversas formas de (in)definir o corpo pelo eu? Habitar um corpo não é algo simples e, seguindo com Cunha, não sabemos mais ao certo o quanto nosso corpo é ainda a “carne cristã ou em que medida ele já também é parte ciborgue”.¹⁹ Como o corpo participaria da escrita de um eu, tendo em vista o papel do Outro nesse processo/dispositivo que, portanto, torna-se ético e político?

O que é necessário para atestar a existência de um eu? Qual a importância da sociedade, da cultura e do outro nesse processo? Identificar-se aos signos culturais de inteligibilidade significa sustentar a coerência interna e a univocidade próprias da sustentação de uma identidade? Nossa experiência com os impasses vividos entre os seres falantes, seus corpos e seus eus é sobretudo clínica, ou seja, a partir da escuta de pessoas trans.²⁰ É raro não ouvirmos a presença do corpo nos anseios, queixas e sofrimentos daqueles que procuram um espaço de fala e de escuta, trazendo – com o corpo – seus impasses, conflitos, angústias, sexualidade e amores. Aliás, não só na clínica, mas em quase todos os lugares. O corpo rouba a cena nos diálogos familiares e cotidianos, na venda dos produtos que promovem performance e beleza, saúde e lucidez,²¹ sendo as questões identitárias uma das formas de se alcançar esse objetivo.

¹⁹ CUNHA, *Apresentação: quanto vale um *?*.

²⁰ *Falatrans: atendimento psicanalítico de pessoas Trans*, projeto de extensão vinculado à Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) em vigor desde 2019.

²¹ AGAMBEN, *O uso dos corpos*.

Como veremos adiante, este é um fenômeno-efeito da organização política contemporânea.

Acreditamos, porém, que as experiências transidentitárias permitem um movimento radical e urgente na construção de um novo lugar para si, de um novo eu, que inclui uma superfície, uma imagem, um lugar social e um nome. Nada disso sem os efeitos do inconsciente,²² nem do que em cada um desses elementos – lugar social, superfície, imagem e nome – materializa o que o sujeito afirma como um eu.

Visto a identidade não ser um conceito oriundo da psicanálise e sim da psicologia social, optamos por nos debruçar sobre o eu, que mais se aproxima de uma identidade dentro dos estudos psicanalíticos. Definido por Freud como projeção de superfície, o eu, cuja existência não está lá desde sempre, resulta de uma nova ação psíquica capaz de agrupar as partes de um corpo que não tem uma unidade congênita, é autoerótico e desenhado com os caminhos eróticos singulares que o sujeito experimenta. Em momento posterior na obra freudiana, o eu torna-se uma das instâncias do aparelho psíquico, resultado tanto dos impulsos presentes no Isso, sede das pulsões que anseiam satisfação, quanto da influência e das cobranças e tolhimentos do meio social. Se o eu é em parte inconsciente²³ e também uma projeção, ou seja, localiza o sujeito e suas questões a partir de uma realidade que é psíquica, há a possibilidade de um descompasso entre o que se sente e o que se vê no espelho,²⁴ assim como entre a forma como a pessoa se vê e como é vista pelo outro.

O estádio do espelho como formador da função do eu é um dos primeiros textos onde Lacan aborda o processo de apropriação da imagem do corpo, colocando em destaque os efeitos que a mesma pode ter sobre o sujeito, avançando nas formulações freudianas sobre o eu. Afirma que a imagem é construída a partir de uma outra, a do semelhante. Além disso, destaca que uma das funções do eu é formar uma imagem, permitindo certo enquadramento/localização. Perguntamos o que permite ao sujeito dialogar com essa imagem, habitá-la e valorizá-la. Sobretudo a imagem de si mesmo. “Existe na imagem algo que transcende o movimento, o mutável da vida, no sentido em que a imagem sobrevive ao vivo”.²⁵ *A imagem fornece consistência ao eu.*

Se a imagem dá consistência e delimita um lugar, uma unidade e uma coerência singular a um corpo, ela também permite nomeações (homem, mulher, trans, negro, branco) muito para além do espelho. Consistência enganadora, mas fundamental. O engano não estaria na imagem em si, e sim na possibilidade de o sujeito reduzir-se à imagem que vê no espelho. O estádio do espelho coloca em destaque a relação entre imagem e corpo, a partir de processos de libidinização na própria apropriação (ou não) dessa imagem. A imagem de si, ou seja, o eu, torna-se o primeiro objeto de investimento libidinal e o amor pela mesma é determinado pela função identitária que ela possui. A imagem reflete um corpo com o qual travamos, no decorrer da vida, uma série de modificações em busca de uma identidade e de uma certa “coerência” imaginária. Porém, o que vemos é a assunção de uma imagem virtual, que de fato não representa tudo.

Na unidade corporal, adquirida pela assunção da imagem do eu, Lacan situará a fundação do eu,²⁶ reservando-lhe um estatuto de ficção – pois o que existe de fato é um

²² FREUD, *O eu e o isso*.

²³ FREUD, *O eu e o isso*.

²⁴ LACAN, *O estádio de espelho como formador da função do eu*.

²⁵ LACAN, *O Seminário: Livro 8: A transferência*, p. 340.

²⁶ LACAN, *O estádio de espelho como formador da função do eu*, p. 98.

amálgama de zonas erógenas; a imagem não passa de uma miragem, um destino de alienação que forma um eu. Alienado a essa função da imagem, o eu percebe seu corpo como uma projeção marcada pela sua história fantasmática, que não corresponde à totalidade de sua experiência, gerando uma insatisfação constante com a imagem de si, uma estranheza em relação a um eu forjado por uma imagem. Sendo troféu cobiçado ou fardo pesado, a imagem emoldura, enquadra e limita.²⁷

Tomar o eu como corporal, imagem capaz de contornar e localizar o sujeito, não nos dispensa de pensar o papel dos outros – pequeno e grande Outro – nesse processo de construção e apropriação da imagem. Há uma matriz simbólica presente na formação do que sustenta essa dinâmica psíquica. As marcas identificatórias oriundas do Outro, do simbólico, da linguagem, da cultura, sustentam as imagens desenhadas para si.

O estádio do espelho passa a ser pensado então como a matriz estruturante da identificação. A partir dessa identificação imaginária, a criança cai, tal qual uma presa, na armadilha do que acredita ser a sua identidade. “O estádio do espelho é uma experiência que se organiza em torno de uma primeira captação pela imagem onde se esboça o primeiro momento da dialética das identificações”.²⁸

Identificação é definida aqui como a transformação produzida no sujeito quando ele assume uma imagem,²⁹ sendo o que permite a este sujeito situar a sua relação imaginária e libidinal com o mundo em geral.³⁰ Há uma função particular para a “*imago*”, que é estabelecer uma relação do organismo com sua realidade – ou, como se costuma dizer, do *Innenwelt* com o *Umwelt*”,³¹ do mundo interno com o mundo externo. Assim, a constituição de uma imagem própria viabiliza a relação do sujeito com o mundo. Como excluir a dimensão política presente nessa relação entre o individual e o coletivo? O que é do sujeito e o que vem de fora? Se o Outro, a linguagem, a cultura, não creditam nem valorizam identidades dissidentes, o que podem os sujeitos fazer frente a isso?

Perguntamo-nos então qual é a parte do outro – seja o semelhante ou o Outro da linguagem – na constituição da imagem do eu. Lacan³² propõe então uma nova versão do estádio do espelho: o esquema óptico. Por meio da construção de um modelo óptico composto de dois espelhos, destaca-se a importância do significante para a constituição da imagem especular. O espelho agora é o Outro, sendo as marcas simbólicas, familiares, culturais e sociais a matriz simbólica capaz de forjar essa imagem, dando-lhe legitimidade, inteligibilidade, valor ou não. Em outras palavras, vemos o laço social e a própria cultura ainda marcados por uma racionalidade cartesiana, que reduz o corpo a um funcionamento orgânico e anatômico, rastreado pelo discurso científico, sem brecha para os mistérios dos circuitos pulsionais, dos questionamentos da própria anatomia e sua ligação/separação das representatividades de eus/identidades.

Neste sentido, há uma relação necessária e intransponível no estabelecimento de um eu, que se fixa na dialética das identificações: entre um corpo sem unidade, emaranhado de zonas erógenas, e o Outro, que se materializa na imagem do corpo próprio ou de um semelhante. Porém este Outro não é qualquer outro, nem tampouco apenas uma imagem, um reflexo sem maiores implicações. O que se materializa juntamente com a

²⁷ SOLER, *Um outro Narciso*.

²⁸ LACAN, *A agressividade em psicanálise*, p. 115.

²⁹ LACAN, *O estádio de espelho como formador da função do eu*.

³⁰ LACAN, *O seminário: Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*.

³¹ LACAN, *O estádio de espelho como formador da função do eu*, p. 100.

³² LACAN, *O seminário: Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*.

imagem à qual o corpo se conforma é o discurso, ou seja, as marcas simbólicas que singularizam uma cultura, uma língua e um tempo histórico que determinam este Outro e que se transmitem ao *infans*³³. Sustentamos que o que se transmite pelo Outro é muito mais do que apenas uma dinâmica familiar privada e microestrutural, estando esta também imersa e determinada por um discurso complexo e multifatorial. Há uma dimensão política que se transmite na dinâmica das identificações que forjam o eu, bem como no estilo de respostas que porventura surgirão. Adentraremos nesta questão partindo da escrita química de Paul Preciado, a nosso ver uma resposta singular às contingências históricas contemporâneas.

2. Da "Testo" ao Texto: a escrita química e a dimensão política do Outro

Discutiremos agora, partindo de Preciado, a dimensão política do Outro, levando em consideração as peculiaridades de sua *escrita química*. Para tanto, iremos descrever o regime político sustentado pelo filósofo, a saber o regime farmacopornográfico. Em seguida, discutiremos a ideia de resposta de sujeito a partir de sua metodologia de autointoxicação e autoficção, bases da escrita química.

Paul Preciado é um filósofo feminista *queer* e podemos situá-lo na terceira onda do feminismo. Resumidamente – pois explorar a vastidão do tema extrapola os objetivos desse artigo –, a terceira onda do feminismo compreende o gênero enquanto um produto multidisciplinar, sendo uma construção social, cultural, política, religiosa, histórica.³⁴ O gênero é aqui considerado um dispositivo de manutenção dos valores tradicionais históricos pela via da repetição, da leitura enviesada da experiência e da identificação e repetição dos padrões sociais.

Podemos apresentar Preciado nos mesmos termos em que Butler descreve a personagem Divine da peça/filme *Hairspray*, na introdução de *Problemas de gênero*: "a performance dela/dele desestabiliza as próprias distinções entre natural e artificial, profundidade e superfície, interno e externo – por meio das quais operam quase sempre os discursos de gênero".³⁵

Nos trechos autobiográficos de *Testo Junkie*, presenciamos um sujeito que certamente borra as fronteiras do gênero, desafiando a manutenção de uma racionalidade binária sobre o corpo e as experiências eróticas. Preciado descobriu a potência de uma sexualidade que extrapola os limites cognoscíveis que alienam o corpo à estrutura. Em outras palavras, *o filósofo experimenta a erótica para além da consistência de uma identidade fixada em um gênero*.

O estilo pornográfico é uma marca dos textos de Preciado, como veremos ao abordarmos sua metodologia de escrita. Por ora, é digno de nota que o questionamento

³³ Etimologicamente, *infans* refere-se a alguém que não fala (do latim *fari*: dizer, falar). O termo é recorrentemente utilizado pela psicanálise lacaniana para se referir ao bebê, quem ocupa uma posição primordialmente objetual em relação ao Outro e experimenta o corpo de maneira não unitária, somente como um emaranhado de sensações e percepções diversas e difusa que vêm a ser significadas a posteriori, quando o sujeito assume uma posição minimamente ativa ante à cadeia significativa que lhe foi transmitida, podendo finalmente falar.

³⁴ SOARES *et al.*, *La obra el manifiesto contrasexual en el ideal del feminismo moderno*.

³⁵ BUTLER, *Problemas de gênero*, p. 8.

teórico/subjetivo que empreende às categorias de gênero é também explorado em *Testo Junkie* através da descrição minuciosa de seus encontros eróticos, nos quais experimenta tanto posições ativas como passivas, dominador/dominado, sujeito/objeto, bem como trocas intelectuais e amigáveis.

Preciado caminha em uma leitura de corporeidade que tensiona a suposta identidade entre um corpo e um eu, ao considerar o seu desejo por estar *radicalmente vivo* enquanto limite intrínseco à identificação fixa nas categorias de gênero:

Qualquer um de vocês, qualquer um que se dignasse a mergulhar no caleidoscópio do seu próprio desejo e do seu próprio corpo, no seu reservatório de tensão nervosa, na sua própria memória, poderia encontrar nele uma excitação tônica, uma energia livre que o leva a viver diferentemente, mudar, ser diferente, ser, por assim dizer, radicalmente vivo. Sua feminilidade ou masculinidade, assumida e defendida, não é menos manufaturada do que a minha. Bastaria você revisar sua história de normalização e submissão aos códigos sociais e políticos de gênero e sexualidade dominantes para sentir a roda da manufatura ainda girando dentro de você e o desejo de sair da repetição, para fora de você. Desidentificar.³⁶

Neste sentido, seria possível ao sujeito relacionar-se de maneira menos alienada com o gênero. Segundo Soares *et al.*,³⁷ Preciado propõe que a saída para as redes de poder que nele se baseiam estaria centrada na experimentação sexual e em novas proposições de sensibilidade e afeto, a partir da transformação dos códigos de masculinidade e feminilidade em registro aberto à disposição dos seres falantes em um contexto de contratos sexuais temporários. Assim, novas montagens totalmente inéditas de performances sexuais seriam possíveis a partir de uma nova mecânica de identificação, que suporta as contradições de seus termos e abdica do empuxo à coerência interna própria de uma identidade normativa.

2.1 Gênero e *somathèque*: a corporeidade em Preciado

Segundo Paul Preciado, longe de ser a expressão de uma natureza, a estética binária da diferença sexual nada mais é do que uma leitura enviesada das experiências possíveis com o corpo, que segue o sistema de significações que opera naquele determinado período histórico. Por exemplo, podemos pensar que o binarismo de gênero acompanha a dualidade cartesiana que sustenta a racionalidade moderna. A corporeidade em Preciado, aliás, trata-se justamente do amálgama entre as estruturas cognoscíveis, a tecnologia e o estado da arte das instituições humanas e uma carne da qual não alcançamos uma essência, coerência ou continuidade. Neste sentido, diferentes leituras históricas cunham sentidos diversos à materialidade do corpo e, por consequência, à expressão do gênero. Além disso, trata-se de um amálgama moebiano e reciprocamente determinado, ou seja, *contínuo*, de forma que não se estabelece uma diferenciação rígida entre os hemisférios externo e interno, o que dificulta o estabelecimento de um dualismo intransponível.

Nas palavras do filósofo: “não estou falando do corpo vivo como um objeto anatômico, mas como o que chamo de *somathèque*, um arquivo político vivo”.³⁸ Assim

³⁶ PRECIADO, *Je suis un monstre qui vous parle*, p. 26, livre tradução.

³⁷ SOARES *et al.*, *La obra el manifiesto contrasexual en el ideal del feminismo moderno*.

³⁸ PRECIADO, *Je suis un monstre qui vous parle*, p. 21, livre tradução.

como em Lacan não há corpo meramente anatômico ou biológico, pré-discursivo e apolítico, também para o filósofo o *corpo é epistêmico e político: somathèque*, em suas palavras. *Somathèque* contemporânea marcada pelo avanço da ingestão e pela exploração do caráter explícito das imagens.

Ao contrário das grandes utopias coletivas que povoavam o imaginário do século XX, que acreditavam na saída das crises do capitalismo pelas vias de uma revolução política iminente em um contexto polarizado (guerra fria), o capitalismo encontrou uma outra maneira de se sustentar no pós-segunda guerra, apesar de suas crises constantes. Segundo Preciado,³⁹ isto se deu através do investimento em massa de duas indústrias com enorme potencial tanto econômico (devido aos baixos custos de produção) quanto ideológico (por exacerbar como nunca na História a circulação de imagens): *a farmacêutica e a pornográfica*.

Neste ínterim, laboratórios sintetizam a pílula anticoncepcional, os hormônios sintéticos, os psicofármacos e endossam as páginas dos manuais diagnósticos psiquiátricos. Ao mesmo tempo, emergem nos EUA movimentos pelo amor livre, *sex symbols* como Marilyn Monroe e grandes ídolos do rock como Elvis Presley e Jim Morrison. Inaugura-se na década de 1970 a revista *Playboy*, cunhando as bases para uma cultura nos termos de uma grande utopia erótica, em que o prazer era tido como sinônimo de liberdade, contracultura e transgressão dos limites sociais, simbólicos e institucionais.

A descoberta científica dos hormônios e sua sintetização são fator central para estabelecimento do regime farmacopornográfico:

(...) as secreções são entendidas pela primeira vez como 'mensagens químicas' (...). A secretina se tornará o paradigma de um novo tipo de funcionamento físico que eles denominam de *hormônio*, palavra que vem do grego *horman*, que significa excitar ou ativar, e que funciona como *mensageiro químico independentemente do sistema nervoso*.⁴⁰

Assim funcionam também os fármacos, pois, uma vez sintetizados, intervêm diretamente na química do corpo e tensionam as fronteiras entre o interno e o externo, entre o sujeito e o objeto. Matérias primas para cirurgias plásticas e próteses, por exemplo, compartilham dos mesmos componentes utilizados na arquitetura das cidades e nos diversos bens de consumo. O *somathèque* contemporâneo é, nas palavras de Preciado, o resultado da "implosão irreversível dos binarismos modernos" (corpo/mente, sujeito/objeto, natureza/cultura, humano/animal). O corpo torna-se um "todo tecnovivo conectado" e *o poder é ingerido e consumido, tornando-se parte do sujeito e cunhando uma nova materialidade*

As identidades no regime farmacopornográfico se fazem a partir da *identificação* ao que se consome. Neste sentido, emergem sujeitos-Rivotril, sujeitos-testosterona, sujeitos-cannabis – e aqui acrescento sujeitos-depressão, sujeitos-borderline, sujeitos-TDAH, sujeitos autistas... Identificados ao que consomem (ou a diagnósticos psiquiátricos questionáveis) os sujeitos se satisfazem com a ilusão de um saber sobre si mesmos, embora estejam apenas alienados a uma episteme⁴¹ baseada no consumo, na circulação de imagens, na exploração química do corpo e na indústria farmacêutica.

³⁹ PRECIADO, *Testo Junkie*.

⁴⁰ PRECIADO, *Testo Junkie*, pp.170-171.

⁴¹ A ideia de "episteme", advinda do trabalho de Michel Foucault, funciona enquanto um fundo configurador do saber que abrange a totalidade de uma época independente de seu domínio – haveria uma continuidade

Voltando à seara do gênero, Preciado⁴² sustenta que as masculinidades e as feminilidades se constroem a partir de um viés identitário, seguindo a ostensiva exploração das imagens e a partir dos estereótipos da pornografia. O homem viril, violento, com ereções de longuíssima duração. A mulher submissa, hipersexualizada, siliconada, desejando ser penetrada por todos os orifícios. Neste sentido, o ideal de homem farmacopornográfico está relacionado ao consumo de testosterona, musculação, álcool, viagra, cocaína... tudo que leve o seu corpo à máxima potência de virilidade e poder, enquanto o ideal farmacopornográfico de mulher se relaciona ao consumo de procedimentos estéticos, anticoncepcionais, reposições hormonais, e, de maneira geral, todos expostos a antidepressivos, ansiolíticos, cirurgias e procedimentos estéticos e circulação de imagens à exaustão em suas redes sociais.

Neste sentido, o gênero contemporâneo pode ser lido como uma ficção somatopolítica, artificial e protética, na qual não estão bem colocadas as fronteiras entre orgânico-inorgânico, natural-artificial, fisiológico-protético. A masculinidade e a feminilidade são performances construídas artificialmente, seguindo a lógica da episteme farmacopornográfica: química-protética-digital com feições de natureza.

É isso que faz Preciado⁴³ considerar os dissidentes de gênero enquanto *somathèques* monstruosas, ou seja, corpos que não se traduzem pela epistemologia vigente, embora estejam inseridos e partilhem de seus termos. Aliás, a única diferença reside no questionamento que empreendem ao verniz de natureza que o gênero normativo, embora químico e protético, comporta. Entretanto, ao contrário de uma leitura clássica do monstro enquanto um vilão, algo temeroso a ser evitado e combatido, Preciado celebra a monstruosidade no tocante à sua potência criativa e de alargamento das possibilidades subjetivas para além das artimanhas de poder-saber que regulam a sexualidade. Ele transita entre os gêneros e se reinventa a partir dos códigos de masculinidade e feminilidade disponíveis. Porém, ele não é capaz de se libertar totalmente da alienação ao Outro, por ser fato de estrutura.

Em outras palavras, o sujeito não consegue se libertar totalmente da alienação ao Outro pois é a partir da identificação concernente à operação do estágio de espelho – formalizada por Lacan, como vimos, pelo esquema óptico – que se funda o eu. Além disso, vimos que o espelho não se trata apenas de uma superfície plana onde o sujeito reconhece imaginariamente a unidade de seu corpo próprio – dantes percebido como um emaranhado de zonas erógenas –, mas sim de uma materialização do Outro e de seus significantes, que conferem sentidos específicos para que este corpo seja digno de pertencimento ao discurso e ao laço social. Dito isso, defenderemos a partir da abordagem da escrita de Paul B. Preciado a dimensão política dos significantes que se transmitem pelo Outro, bem como suas consequências nas respostas dos sujeitos contemporâneos.

lógica entre todos os dispositivos que produzem saber no mesmo período histórico. Assim, ela subjaz a todas as formas de inteligibilidade enquanto condição de existência e laço a outros dispositivos que funcionam de forma coerente e cunham a inteligibilidade social e a estética de existência de um dado período (FOUCAULT, *A arqueologia do saber*). Talvez aproxime-se da ideia de *paradigma*.

⁴² PRECIADO, *Testo Junkie*.

⁴³ PRECIADO, *Je suis un monstre qui vous parle*.

2.2 Da "testo" ao texto: a escrita química e as respostas dos sujeitos contemporâneos

Tendo em vista as características farmacopornográficas do Outro contemporâneo (os químicos, o apelo ao explícito das imagens, o consumo em massa tanto do que se produz quanto do corpo em si) podemos pensar que as respostas de sujeito passam a ter características semelhantes, dada a alienação estrutural que jamais se resolve na totalidade. Apesar disso, novas mecânicas de poder engendram novas estratégias de subversão.

Em nossas palavras, *as nuances históricas do discurso permitem nuances históricas nos fazeres com a fantasia*. Um belo exemplo disto está na reflexão do filósofo sobre a sua própria resposta de sujeito, reiterando sua dimensão moebiana: "*aceitar que a mutação que ocorre em mim é a mutação de uma época*".⁴⁴

Ainda segundo Preciado,⁴⁵ não seria possível negar as tecnologias, dado o amálgama que forja com nosso corpo, nossos afetos, nosso cotidiano. Neste sentido, as respostas de sujeito no regime farmacopornográfico diriam respeito a um uso diferenciado das tecnologias, e não em uma negação (impossível).

Uma das peculiaridades do discurso contemporâneo e das respostas que se cunham a partir dele diz respeito justamente à química, fortemente reiterada enquanto mercado promissor. Por outro lado, ao mesmo tempo em que a indústria farmacêutica é corolária do poder, Cavalheiro, Pombo e Triska⁴⁶ chamam a atenção para o fato de que *sintetizar hormônios possibilita de maneira inédita a fabricação de paródias de gênero a nível somático, o que relativiza na materialidade a ideia de um gênero natural biológico*.

A *autointoxicação* empreendida por Preciado durante a escrita de *Testo Junkie* pode ser entendida da mesma maneira. O uso de testosterona possibilitou ao filósofo a experimentação de seu corpo de uma outra maneira, uma ressignificação da virilidade, lida no regime binário como uma característica essencialmente masculina. Além disso, Preciado assume não ter tomado testosterona para tornar-se homem, fixando sua imagem em uma performance socialmente significada, mas sim como uma maneira de extrapolar os sentidos hegemônicos e sustentar algo da singularidade de seu corpo e de seus sentidos, ao mesmo tempo em que experimentava o "sentimento de estar em adequação ao ritmo da cidade".⁴⁷ Em outras palavras, *a autointoxicação foi uma experiência com os significantes vigentes, sendo o uso subversivo da química o seu artifício*.

Neste sentido também caminha a *autoficção*. Longe da coerência esperada de uma identidade, a autoficção é a manipulação dos termos de significação vigentes de forma que o sujeito possa assumir uma posição minimamente ativa sobre a própria vida e a própria história. Porém, não é possível extrapolar completamente os termos disponíveis para significação. *Por mais que minimamente afastada da linguagem enquanto corpo simbólico, para propor e sustentar novos sentidos, a escrita precisa ser testemunhada e reconhecida em dado contexto cultural*. O próprio Preciado reconhece a característica intermediária de seu trabalho com os significantes: "a escrita é o lugar em que habita meu

⁴⁴ PRECIADO, *Testo Junkie*, p. 23.

⁴⁵ PRECIADO, *Testo Junkie*.

⁴⁶ CAVALHEIRO; POMBO; TRISKA, *No divã de Paul B. Preciado*.

⁴⁷ PRECIADO, *Testo Junkie*, p. 23

vício secreto e, ao mesmo tempo, o cenário em que meu vício sela um pacto com a multidão”.⁴⁸

Vale ressaltar que a escrita de Preciado tem uma função dupla: ao mesmo tempo em que possibilitou que sua vivência e sua teorização dissidente pudesse ser reconhecida no meio intelectual, a própria escrita funcionou enquanto testemunha de uma experiência que não poderia ser reconhecida socialmente em um primeiro momento. Utilizando-se dela como se “a escrita pudesse ser a única testemunha confiável desse processo”⁴⁹, Preciado pôde formalizar algo de sua subjetividade que escapa ao jogo imaginário das identificações normativas.

Experimentando a escrita fora da necessidade de uma coerência indiscutível, em um ritmo completamente novo em que mescla elementos historiográficos e biográficos, bem como transitando entre os gêneros, fora dos sentidos habituais e hegemônicos, Preciado reforça, como nos atenta Cavalheiro, Pombo e Triska,⁵⁰ a primazia radical do significante enquanto unidade formal de significação que só vem a ter sentido quando encadeada, sendo portanto plástica e contingente. *Neste sentido, Preciado questiona mesmo a manutenção da categoria de gênero enquanto eixo de análise para a experiência do sujeito com seu corpo, seu sexo e os outros.* É com essas palavras que caminhamos para a última parte deste artigo afirmando a transidentidade para além das definições de gênero.

3. Identidade para além do gênero: trans

De um modo geral, o conceito de gênero foi “mal recebido entre os psicanalistas e, com o passar dos anos, praticamente desapareceu do corpo teórico da psicanálise”.⁵¹ Isso ocorre muito em razão de o gênero ser considerado um conceito social fora do escopo clínico da psicanálise.⁵² A psicanálise não apresenta a categoria de gênero como um conceito, sendo, inclusive, relativamente recente sua problematização dessa temática. O conceito que mais se aproxima da ideia de gênero na psicanálise – significante que problematiza e possibilita diferentes relações entre o sexo anatômico e o sexo psicológico e é capaz de fornecer uma identidade pessoal e social ao eu –, foi a identificação, temática desenvolvida e presente na teorização freudiana em diversos momentos de sua obra.^{53 54}

Por que não identidade, perguntamos nós? Alguns psicanalistas insistem em tê-la em má conta, situando-a como categoria imaginária, universalizante e enganadora, que exclui necessariamente a singularidade e esconde os traços identificatórios dos sujeitos.⁵⁶ Engodo sério e com consequências políticas e clínicas graves que perde força ao ouvirmos os sujeitos dizerem o quanto a construção e reconstrução de uma identidade é

⁴⁸ PRECIADO, *Testo Junkie*, p. 60.

⁴⁹ PRECIADO, *Testo Junkie*, p. 60.

⁵⁰ CAVALHEIRO; POMBO; TRISKA, *No divã de Paul B. Preciado*.

⁵¹ LATTANZIO, *Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero*, p. 411.

⁵² LATTANZIO, *Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero*, p. 411.

⁵³ FREUD, *Interpretação dos Sonhos*.

⁵⁴ FREUD, *Dissolução do complexo de Édipo*.

⁵⁵ FREUD, *Psicologia das massas e análise do eu*.

⁵⁶ ROUDINESCO, *O eu soberano*.

singular e complexa na articulação entre o artesanal e o tecnológico em uma experimentação que não vai sem o Outro. Ou seja, as identidades não excluem singularidades, mesmo aquelas capazes de unir vários a partir de um traço identificatório. O laço social pode operar

de modo distinto do compartilhamento de significantes que incidiram igualmente sobre cada um de seus membros conforme o funcionamento da massa, tendendo a homogeneizá-los e calar dissensões e singularidades. Em primeiro lugar, talvez seja importante conceber que os significantes estão em movimento, eles circulam, se interseccionam e atritam, e chegam eventualmente a alterar-se, historicamente – e ‘as massas’, no plural, estão igualmente em trânsito, em fluxos internos de divergência e convergência, constituindo-se em conflito e atrito, mais do que na rígida e completa identificação entre seus membros que teria como complemento, em sua configuração fascista, a negação e a busca do aniquilamento do outro.⁵⁷

Se reconhecer em um grupo, movimento ou coletivo não exige o sujeito da necessidade e importância de construir um lugar para si dentro e fora deles – pelo contrário. Na impossibilidade de uma alienação total, haja vista que as diferenças e características singulares e pessoais norteiam a forma de como a alienação é experimentada, o sujeito aparece a partir dos movimentos de separação nos quais precisa afirmar o que o singulariza. O que vale destacar é a impossibilidade de uma separação limpa, não moebiana entre interno e externo ou entre pessoal e coletivo. Vimos com o próprio Freud que a psicologia individual não vai sem a coletiva.⁵⁸ Sem falar que a importância e complexidade das lutas políticas sustentadas a partir das questões identitárias exigem do sujeito o trabalho psíquico e prático de apagamento de alguns traços subjetivos para que a luta não seja por si e sim pelo coletivo.

Deixando de lado o desprezo pelas categorias identitárias, retomamos a relação quase primária entre identidade e corpo. Stuart Hall⁵⁹ nos questiona sobre o que pode “transfixar” as pessoas mais do que aquilo que ele define como poderoso, evidente e concreto: o que o corpo nos mostra. Ainda que o corpo seja tomado a partir dos significantes que o representam, a certeza de definições sobre si que sua imagem transmite é bastante sedutora. Cremos no que vemos. Fazer a passagem do ver-categorizar-definir para a possibilidade de ler o corpo e suas identidades pede um esforço não simples experimentado pelo analista ao ouvir pessoas trans.

Talvez seja verdade, mas na medida em que estamos falando do sistema de classificação de diferenças, o corpo é um texto e somos todos leitores dele. E circulamos, olhando esse texto, inspecionando-o como críticos literários cada vez mais de perto para ver as diferenças mais refinadas, as tão sutis diferenças de metáfora.⁶⁰

O significante trans, presente em *transidentidade*, representa trânsito, movimento no/do corpo, entre gêneros, nomes, construções de eus, identidades variáveis e intercambiáveis. Uma transição que extrapola assim o gênero inclui papéis sociais, bem como marcas e traços que te permitem minimamente habitar um (novo) lugar. Nas

⁵⁷ RIVERA, *Identidade em psicanálise*, s/p.

⁵⁸ FREUD, *O mal-estar na civilização*.

⁵⁹ HALL, *Raça, o Significante Flutuante*.

⁶⁰ HALL, *Raça: o Significante Flutuante*, s/p.

experiências transidentitárias que pudemos escutar, foi possível perceber⁶¹ a necessidade e o desejo dos sujeitos de marcar um novo lugar, a partir do momento que experimentam a sensação de não pertencimento ao que se foi até então.

Poder estabelecer um antes e um depois, ainda que com fronteiras borradas entre si, seja em relação aos tempos da infância, da própria adolescência e da adultez, foi fundamental para o início do que chamamos aqui uma bricolagem entre o eu, o corpo, a imagem, o nome. Ou seja, uma montagem na qual aquele que fará uso do que está sendo criado participa de sua criação. Sendo assim, destacamos movimentos internos e externos, nos quais o sujeito se empenha em diferir-se do que foi até então, na montagem de uma outra identidade que se expressa, por exemplo, pela mudança de nomes, nos corpos e nas vestimentas que contornam e dão visibilidade a esse corpo/identidade.

Os movimentos (e)ruptivos com o tempo de antes, realizados pelos sujeitos em suas experiências transidentitárias, cada um a seu modo, não eliminam a história escrita até então. O que fica do espaço-tempo anterior se constitui, na realidade, como uma potência de mudança, que permite ao sujeito “fazer uso” do que ficou para o que virá de novo. Em algumas experiências, o momento em que o passado e o presente são, de alguma forma, desprendidos, pode ser experienciado como uma pequena morte, que marca o início de um outro tempo, de uma outra vida. Por isso, ouvimos a expressão *transversário*, ou seja, aniversário da transição que celebra um novo nascimento.

A indisciplina de gênero coloca em cena uma temporalidade de corpo⁶² que a cisnormatividade costuma escamotear, acreditando no bom compasso, natural ou não, entre eu e o corpo. Temporalidade significa provisório, temporário, interinidade, trânsito. Assim, se a imagem fornece consistência ao eu, ela não permite recobri-lo em sua totalidade nem fixá-lo impedindo movimentos nas próprias identidades de si. Se com Lacan⁶³ afirmamos que a imagem equivale ao eu, também com ele dizemos que ela não permite capturar tudo o que é da ordem de uma localização ou representatividade de si. É necessário que o sujeito, por exemplo, enuncie significantes que afirmem ou neguem a própria existência de uma imagem. Divisão realizada por Lacan entre *Moi* – eu imaginário e carregado de sentido – e *Je* – sujeito da linguagem, efeito do significante.

Inserir uma não equivalência entre o eu e a imagem estabelece uma hiância – frutífera – que permite criação singular nos processos identificatórios para além do gênero inclusive. Como localizar essa hiância a partir da teoria psicanalítica? A divisão estabelecida por Lacan⁶⁴ entre eu e sujeito não exclui as possibilidades de intercâmbio entre eles. Sendo assim, a imagem é refletida em um espelho especial, o Outro,⁶⁵ ou seja, construída a partir das marcas simbólicas de sua história familiar, seu meio cultural.

Dessa forma, quando apostamos no uso de transidentidade ao invés de transgênero para fazermos referência às experiências trans, ou seja, às diversas formas de se viver em ato as transições, fazemo-lo a partir da hiância destacada acima entre o eu e imagem, que pode inclusive não tocar especificamente em uma mudança de gênero tipo *female-to-male* como bem nos mostrou Preciado, ou como ouvimos em um sujeito em que a questão trans circulava entre se localizar enquanto animal ou planta.

⁶¹ CUNHA, *O que aprender com as transidentidades*.

⁶² LEAL, *Fabulações travestis sobre o fim*.

⁶³ LACAN, *O estádio de espelho como formador da função do eu*.

⁶⁴ LACAN, *O Seminário. Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*.

⁶⁵ LACAN, *O Seminário. Livro 10: A Angústia*.

Pessoas trans são tidas pela cisnormatividade como não complexas. No entanto, a transgeneridade é um exercício de montagem cubista, com peças em collage, ou bricolagem. 'Em 2010, coloquei 375ml de próteses mamárias. Fui montando como quebra-cabeça, parte a parte. Juntando cada recorte. A travesti é uma mulher cubista com um picasso'. A formação ciscolonial de valor sobre os corpos trans se dá não pelos princípios marxistas da sequencialidade e da separabilidade, guardando proporções com uma acumulação primitiva e de apropriação do produto do trabalho.⁶⁶

Passar do transgênero para as transidentidades, no plural, é um movimento que permite inclusive problematizar as intervenções realizadas no corpo nos processos de transição que permitem ou não certa passabilidade não apenas diante do outro mas na própria feitura da identidade. Corpo une e desune imagem e nome. Quando nos intrigamos com o que está diante de nós, sem conseguirmos localizar ou definir o que vemos a partir de algum traço identitário, buscamos um nome, nomeia-se. Vemos então que o trânsito por identidades costuma ser sinalizado por mudanças no nome e na imagem. E quando não há nome para o que se vê e se sente?

Corpos que não se fecham à conformidade de uma imagem antecipada eram tomados como errados até bem pouco tempo atrás. Halberstam atesta sua vivência pessoal em relação a isso em um tempo no qual a pouca popularidade e ausência de algumas nomações tiveram influência na forma como viveu sua transidentidade.

Mudança de sexo, para mim e para várias pessoas da minha idade, era uma fantasia, um sonho e, como não tinha nenhuma relação com a nossa realidade, tínhamos que trabalhar ao redor dessa impossibilidade e criar um lar para nós em corpos que não eram confortáveis ou adequados em termos de como nos entendíamos. O termo 'corpo errado' era usado com frequência na década de 1980, tendo sido inclusive o nome de um programa da BBC sobre transexualidade, por mais ofensivo que o termo possa soar agora, ele ao menos abrigava uma explicação de como pessoas de gêneros cruzados [cross-gendered] conseguiam experimentar a corporalidade. Eu, ao menos, senti que estava no corpo errado e parecia não ter escapatória.⁶⁷

O corpo trans, quando lido sem intenções de codificações ou traduções nas gramáticas vigentes, além de cubista ou resultante de uma escrita química, representa uma montagem singular de corpo a partir de uma subversão dos significantes culturais que o marcam. Que não nos fechemos em interpretações antigas amarradas em uma leitura anacrônica dos cânones teóricos; que possamos nos servir do legado ético que nos transmitiram, sem o receio de questionar ou jogar fora interpretações equívocas que geram efeitos políticos agressivos. Partindo da ética, que não teorizemos sobre corpos, repetindo simbolicamente o fazer de um colonizador, mas que possamos nos abster de nossa racionalidade binária clássica em prol da abertura de espaços de formalização de uma singularidade que a ela escapa, ou em outras palavras, para que *digam a que vieram*, nos forçando a reformular os nossos termos.

Vemos então que algumas transidentidades escancaram um fazer com as identificações que pode abdicar de um apelo ao eu como estabilizador de uma identidade, apostando no trânsito entre os marcadores políticos da masculinidade e feminilidade, o que sem dúvida redesenha e amplia as possibilidades de experimentação do corpo e de endereçamento ao Outro. Por outro lado, testemunhar e reconhecer este fazer enquanto

⁶⁶ LEAL, *Fabulações travestis sobre o fim*, p. 11.

⁶⁷ HALBERSTAM, *Trans*, p. 27.

uma identidade política e singular que inclui imagem, eu, corpo e nome de formas diversas é o único caminho ético possível ante à agenda contemporânea da identidade e das identificações do que se chama, dissidentes.

Considerações finais

O corpo trans ocupa espaço na cena do mundo não deixando dúvidas do papel ativo e subversivo do sujeito nesse processo de costura e (re)modelagem de si. O eu, bricolagem que envolve corpos, nomes e gêneros, é um dos conceitos freudianos que materializa os efeitos do meio social, das marcas trazidas no corpo em uma operação de construção que é psíquica. Foi com ele que apostamos na afirmação das transidentidades como experiência potente de questionamentos dos seus limites e extensões. Muda-se o eu de diversas formas. Deslegitimar esse processo nada simples e singular não cabe à psicanálise nem a ninguém.

Não somos um corpo, temos um corpo capaz de colocar em cena intensidades desconcertantes.⁶⁸ Isso permite vermos as transidentidades como efeito de construção singular das regras de gênero, diferença sexual e funcionamentos esperados dos corpos/identidades colocando em ato a urgência de uma política da diferença. Política de afirmação de identidades particulares, irreduzíveis à política de classe ou do individualismo possessivo, ao mesmo tempo coletivas e localizadas, que atuam de forma direta nas brechas abertas em ou ensejadas pelo sistema.⁶⁹

Sustentamos aqui que considerar o descompasso entre corpo e imagem enquanto estrutural, oportuniza modelagens de novos significados e apropriações do corpo, partindo da singularidade dos processos identificatórios e para além da fixação derradeira em uma identidade, tal como nos demonstra Preciado com seu texto *Junkie*.

Vimos que identidades não excluem singularidades, mesmo aquelas capazes de unir vários a partir de um traço identificatório. São móveis, muitas vezes transitando entre significantes e imagens que a consciência não explica, daí a importância de se falar delas. As transições se dão, muitas vezes, para além do gênero podendo inclusive não pleitear alterações dessa categoria. São singulares mas se fazem exercer no coletivo. O que terá importância nos processos de transição é uma variável.

Preciado testemunha com sua escrita como a testosterona e outras químicas, foram fundamentais em seu processo de construção de um eu, apesar de todo seu movimento de transição não se reduzir a isso. Ela nos faz repensar a palavra *superfície*, presente na definição freudiana do eu e utilizada muitas vezes para exemplificar a relação entre eu e corpo. A química presente no corpo de Preciado, o uso que ele faz dela, dando destaque a seus efeitos durante todo o processo de transformação vivido por ele, fazem-nos afirmar que superfície não representa a complexidade do lugar do corpo na formação de um eu.

Por fim, sustentamos o legado ético do psicanalista no testemunho, acolhimento e escuta das novas montagens corporais, aquele que prima pela positividade e consequências das diferenças que nem a anatomia, nem as categorias de gênero, nem os padrões sexuais são capazes de abarcar.

⁶⁸ LEAL, *Fabulações travestis sobre o fim*.

⁶⁹ BURITY, *Psicanálise, Identificação e a Formação de atores coletivos*, p. 2.

Referências

- AGAMBEN, Giorgio. *O uso dos corpos*. Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo, 2017.
- AYOUCH, Thamy. Quem tem medo dos saberes T.? Psicanálise, estudos transgêneros, saberes situados. *Revista Periódicus*. Salvador, n. 5, v. 1, pp. 3-6, maio/out. 2016.
- BHABHA, Homi K. Interrogando a identidade. Tradução: Myriam Ávila Eliana Lourenço de Lima Reis Gláucia Renate Gonçalves. In: BHABHA, Homi K. *O local da cultura*. Belo Horizonte: UFMG, 1998. pp. 70-104.
- BURITY Joaquin. *Psicanálise, identificação e a formação de atores coletivos*. Recife: INPSO-FUNDAJ, Instituto de Pesquisas Sociais-Fundacao Joaquim Nabuco Editorial/Editor, 1997.
- BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Trad. Renata Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.
- BUTLER, Judith. (1993) *Corpos que importam: os limites discursivos do sexo*. Trad. Veronica Daminelli e Daniel Yago Françoli. São Paulo, n-1, 2019.
- CAVALHEIRO, Rafael; POMBO, Mariana; TRISKA, Vitor Hugo. No divã de Paul B. Preciado: psicanálise e des(obediência) epistêmica. *Estudos e pesquisas em psicologia*, Rio de Janeiro, v. 22, pp. 1393-1413, 2022.
- CUNHA, Eduardo Leal. *O que aprender com as transidentidades: psicanálise, gênero e política*. Porto Alegre: Criação Humana, 2021.
- CUNHA, Eduardo Leal. A multidão das dissidências de gênero e a clínica psicanalítica. In: *Tempo Psicanalítico*, Rio de Janeiro, v. 54, n. 2, pp. 161-180, 2022.
- CUNHA, Eduardo Leal. Apresentação: quanto vale um *? In: HALBERSTAM, Jack. *Trans: uma abordagem curta e curiosa sobre a variabilidade de gênero*, Trad. Daniel Kveller, Rafael Leopoldo, Salvador: Derives, 2023.
- FOUCAULT, Michel. *A arqueologia do saber*. 8. ed. Trad. Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- FREUD, Sigmund. Estudos sobre a Histeria. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 2.
- FREUD, Sigmund. Interpretação dos sonhos. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 5.
- FREUD, Sigmund. Introdução ao Narcisismo. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 14.
- FREUD, Sigmund. Psicologia das Massas e análise do Eu. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 15.

FREUD, Sigmund. O eu e o isso. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19.

FREUD, Sigmund. Dissolução do Complexo de Édipo. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 19.

FREUD, Sigmund. O Mal-estar na civilização. In: FREUD, Sigmund. *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. v. 21.

GARCIA, Carla Cristina. O que viu Tirésias: A identidade transexual na obra de Virginia Woolf. *Revista de psicologia da UNESP*, São Paulo, v. 11, n. 1, pp. 44- 52, 2012.

HALBERSTAM, Jack. *Trans*: uma abordagem curta e curiosa sobre a variabilidade de gênero*. Trad. Daniel Kveller, Rafael Leopoldo. Salvador: Derives, 2023.

HALL, Stuart. Raça, o Significante Flutuante. Trad. Liv Sovik, em colaboração com Katia Santos. *Revista Z cultural*. Rio de Janeiro, ano 8, n. 2, 2023. Conferência proferida de 1995.

LACAN, Jacques. A agressividade em psicanálise. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. pp. 104- 125.

LACAN, Jacques. O Estádio do espelho como formador da função do eu. In: LACAN, Jacques. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998. p. 96- 103.

LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 1: Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 8: A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 10: A Angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

LACAN, Jacques. *O Seminário: Livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1986.

LACAN Jacques. *O Seminário: Livro 23: O Sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007.

LATTANZIO, Felipe Figueiredo, RIBEIRO, Paulo de Carvalho. Nascimento e primeiros desenvolvimentos do conceito de gênero. *Psicologia Clínica*, Rio de Janeiro, v. 30, n. 3, pp. 409-425, set./dez. 2018. DOI: <https://dx.doi.org/10.33208/PC1980-5438v0030n03A01>.

LEAL, Dodi Tavares Borges. Fabulações travestis sobre o fim. *Conceição/Conception*, [S. l.], v. 10, n. 00, pp. 1-19, 2021. DOI: 10.20396/conce.v10i00.8664035. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/conce/article/view/8664035>. Acesso em: 28 out. 2023.

LEMMA, Alessandra. Trans-itory identities: some psychoanalytic reflections on transgender identities. *The International Journal of Psychoanalysis*, v. 99, n. 5, pp. 1089-1106, 2018.

MILLER, Jacques-Alain. Docile au trans. *Lacan Quotidien*: Paris, n. 928, pp. 3-18, 2021.

PRECIADO, Beatriz Paul. *Je suis un monstre qui vous parle*. 1. ed. Paris: Grasset & Fasquelle, 2020.

PRECIADO, Beatriz Paul. *Testo Junkie*. 1. ed. Trad. Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1, 2018.

ROSA, Miriam Debieux. A psicanálise frente à questão da identidade. In: ENCONTRO NACIONAL DE PSICOLOGIA SOCIAL, 9, 1997. *Anais [...]* Belo Horizonte: Associação Brasileira de Psicologia Social (ABRAPS0), 1997. Disponível em: <https://psicanalisepolitica.files.wordpress.com/2014/06/a-psicanalise-frente-a-questao-da-identidade.pdf> . Acesso em: 28 out. 2023.

ROUDINESCO, Elisabeth. *O Eu soberano: ensaios sobre as derivas identitárias*. Trad. Rio de Janeiro: J. Zahar, 2022.

RIVERA, Tânia. Identidade na psicanálise. *Revista Cult*, São Paulo, 24 set. 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/por-uma-psicanalise-favor-da-identidade/>. Acesso em: 28 out. 2023.

SANTOS, Camila; MENEGOTTO, Lisiane. A razão/desrazão no alienista: um ensaio em literatura e psicanálise. *Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, Porto Alegre, v. 9, n. 1, pp. 77-83, 2020.

SEGATO, Rita. *Crítica da colonialidade em oito ensaios: e uma antropologia por demanda*. São Paulo: Boitempo, 2021.

SOARES, Douglas et.al. La obra el manifiesto contrasexual en el ideal del feminismo moderno. *Revista Missioneira*, Santo Ângelo, v. 22, n. 1, pp. 4-22, 2020.

SOLER, C. *Um Outro Narciso*. São Paulo: Aller, 2021.

THIBIERGE, Stéphane. Corpo e identidade: questões de psicopatologia individual e coletiva. *Ágora: estudos em teoria psicanalítica*, Rio de Janeiro, v. 18, n. 2, pp. 211-224, jul./dez. 2015.

SOBRE AS AUTORAS

Alinne Nogueira Silva Coppus

Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Especialista em Psicanálise e Saúde Mental pela UERJ. Doutora e Mestre em Teoria Psicanalítica pela UFRJ. Atualmente é Professora Associada 2 do Curso de Psicologia da UFJF e Coordenadora do Curso. Professora Colaboradora do PPGPSI /UFS - Linha Psicanálise e Cultura Contemporânea. Pesquisa teoria e clínica psicanalítica a partir da observância de temáticas que tratam do sofrimento psíquico e suas manifestações na atualidade. Faz uso, para isso, sobretudo dos estudos sobre o corpo, seus descompassos, seu lugar na prática clínica e no mundo. Tanto as pesquisas como a extensão possuem essa problemática como direção. *E-mail:* alinnenogueiracoppus@gmail.com.

Lorena Silva Loures

Psicanalista em formação, Psicóloga pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), Mestranda em Teoria Psicanalítica pela UFRJ (ex bolsista CAPES e ex bolsista FAPERJ "Mestrado nota 10"). O projeto de pesquisa e o direcionamento clínico tem como eixos básicos a consideração pelos efeitos dos discursos contemporâneos nas vivências subjetivas a partir do diálogo com outros campos de saber e das artes, como a filosofia, o cinema e a literatura; bem como de um resgate da ética psicanalítica e de suas bases teóricas, que vão na contramão de certas teorizações que mantém as dissidências de gênero no campo da psicopatologia. Foi bolsista-extensionista, durante o período de graduação no momento de criação e articulação do FALATRANS (UFJF), das quais participou ativamente, bem como ex bolsista-extensionista do projeto VISITRANS (UFJF). *E-mail:* lorena.s.loures@gmail.com.